

O prazer sexual da mulher: processo ainda em evolução 2

Carlos Alberto Dias*

Eunice Carlos Santiago Mendonça**

RESUMO

Partindo-se de observações da realidade clínica, onde inúmeras pacientes apresentam dificuldades concernentes à prática sexual, os autores procuram analisar alguns dos vários fatores que contribuem para o “fracasso feminino” neste campo. Uma análise dos discursos concorrentes para a formação da mulher, parece indicar a existência de estreita relação entre o que é socialmente divulgado e os sentimentos desenvolvidos na mulher em relação ao seu próprio ser. Os sentimentos de culpa e de inferioridade que a maioria das mulheres possui na relação com o ser masculino, é algo construído “a priori”, independentemente do comportamento futuro em relação à vida a dois. Esses parecem ser elementos nodais responsáveis por dificultar a conduta assertiva da mulher, na busca de sua auto-realização.

* Psicólogo. Professor da Universidade Vale do Rio Doce- MG. Mestre em Psicopatologia pela Université de Picardie Jules Verne- França.

** Psicóloga. Consultora em Projetos de Educação Sexual para adolescentes.
Recebido em 01.07.99 Aprovado em 15.07.99

Os sentimentos assumidos compulsoriamente pela mulher, simplesmente pelo fato de ser mulher, favorecem o surgimento de inúmeras dificuldades no campo relacional, seja diante de si mesma, de seus desejos, seja diante do outro, diante da necessidade de tornar real o que para o outro é fantasia, desejo. Diante dos inúmeros impasses relacionais provocados por esta problemática, os autores sugerem como possível solução o desenvolvimento de uma consciência de que a mulher precisa, em sua relação diária com seu parceiro, reeducar-se no tocante ao ser mulher, bem como à compreensão e mudança de atitude diante de sua prática sexual. Daí entenderem que o prazer, o orgasmo, não pode ser considerado no momento como uma habilidade natural da mulher, mas algo a ser desenvolvido como fruto de uma prática educacional, na qual os parceiros se coloquem ao mesmo tempo tal e qual sujeitos e objetos na relação que os envolve.

“Não haverá uma verdadeira emancipação feminina, se, paralelamente, não acontecer a pouca mencionada emancipação masculina.”
“É mais satisfatoriamente que as pessoas se envolvam eroticamente, quando existe entre elas um mínimo de afetividade.”

Simone de Beauvoir

Inferioridade feminina: um problema em questão

Em nossa prática clínica, temos observado um número significativo de pacientes do sexo feminino apresentando dificuldades relativas à vida sexual, principalmente no que tange ao orgasmo. Tal dificuldade parece ser decorrente da interferência de vários fatores ligados aos aspectos religiosos, biológicos, culturais e educacionais; fatores que desenvolvem distorções na maneira de pensar, da mulher, bloqueando o estabelecimento normal das relações conjugais, dificultando o alcance do prazer e, conseqüentemente causando conflitos.

Poderíamos nos perguntar: porque é a mulher quem mais está comprometida por esta problemática, na sociedade brasileira? É conveniente nos lembrarmos de que não são as mulheres que se organizam em pequenos grupos ou gangues, à espreita, aguardando a passagem de um homem a quem possam violentar. Na relação matrimonial, quando se fala em sacrifícios pelo bem da família, é normalmente a mulher que deixa de perseguir seus sonhos,

para tornar possível os sonhos dos filhos e do marido. E ainda, quando um marido tem um caso extraconjugal, sua esposa tende a afirmar que ele foi vítima da sedução perpetrada por uma mulher sem escrúpulos; ou, como em muitos outros casos, se lança numa busca neurótica por seus erros cometidos, motivadores da infidelidade do marido.

Pode-se observar que, o peso da culpa recai, sempre, sobre os delicados ombros femininos, enquanto o forte ombro masculino ocupa um lugar menos culposos. Convém nos perguntarmos: que fenômenos socio-culturais contribuíram para elevar a dor feminina para além das dores do parto de que a mulher é herdeira compulsória? Haveria alguma saída, pela qual poderia a mulher, também como o homem, poder usufruir dos prazeres disponíveis ao longo de sua existência, sem ter que por isso assumir alguma culpa?

Uma percepção histórica do desenvolvimento do sentimento de inferioridade

Parece-nos que a questão do sofrimento feminino é tão antiga quanto a própria criação da humanidade. Segundo o mito da criação “*O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente*” (Gênesis 1, 7). O sopro de Deus, confirma o caráter divino do homem e, ainda, sua criação em primeira mão, colocando-se segundo a perspectiva social, mais próximo de Deus do que poderia estar a mulher. Observa-se que, mesmo na instituição Eclesiástica, os padres são os representantes diretos de Cristo, enquanto que às freiras lhes é reservado um lugar de destaque, abaixo daqueles que possuem como missão espalhar a “Boa Nova”. Também a mulher foi criada por Deus, é verdade. Mas é preciso nos perguntarmos, em que lugar e em que condições?

Ainda, segundo o Mito da Criação “*O Senhor Deus disse.- ‘Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma ajuda que lhe seja adequada’... Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem*” (Gênesis 2, 18-22). Dentro dessa perspectiva, temos que o homem é fruto do desejo divino, e que a mulher é criada em função da necessidade do homem de possuir uma companheira. Na perspectiva cristã, portanto, o papel feminino passa a ser o de fazer companhia ao homem e lhe agradar. A partir de então, fica determi-

nado o papel da superioridade masculina em relação ao sexo feminino. Como nos relata Gikovate “*Os homens não poderiam ter pensado de modo diferente, pois é antigo o seu orgulho com relação à sua condição de suposta superioridade.*” (GIKOVATE, 1989, pág. 11)

A idéia da superioridade masculina não se restringe apenas à história da criação do mundo contada pela Bíblia; existe também um aspecto mitológico que marcou bem essa questão. De acordo com a mitologia grega, a mulher é possuidora de uma vantagem sobre o prazer sexual. O mito da “superioridade” masculina foi desvendado pelo velho Tirésias que, por obra divina, viveu tanto sob a condição feminina quanto pela condição masculina. Numa discussão entre os deuses Zeus e sua esposa Hera, a respeito da polêmica sobre quem teria maior prazer num ato de amor, o homem ou a mulher, convidado a opinar por ser considerado, no momento, a pessoa mais indicada a fazê-lo, Tirésias, respondeu sem hesitar: “*se um ato de amor pudesse ser fracionado em dez parcelas, a mulher teria trove e o homem apenas uma. Hera furiosa o cegou, porque havia revelado o grande segredo feminino e sobretudo porque, no fundo, Tirésias estava decretando a superioridade do homem, causa eficiente dos noventa e nove décimos do prazer feminino. Hera compreendeu perfeitamente à resposta patrilinear do adivinho tebano: ao dar-lhe a “vitória”, nove décimos de prazer, estava, na realidade, traçando um perfil da superioridade masculina, da potência de Zeus, simbolizando todos os homens, Únicos capazes de proporcionar tanto prazer à mulher*” (Brandão, pág. 176). Sua resposta causou sua cegueira pela revolta de Hera e seu poder de profecia foi uma compensação por parte de Zeus.

Outro aspecto histórico que reforçou a idéia da superioridade masculina foi a filosofia de Platão, quando desvalorizou a mulher; considerou-a um ser sem alma. Para ele, a alma era definida como princípio da vida a que essa, era apenas possuída pelo homem. Aristóteles como seu discípulo, reafirmou esse pensamento científico de sua época sustentando: “*É a semente masculina que fornece o princípio ativo, ou forma, e portanto, a alma sensível e racional. A fêmea, que é passiva, fornece a matéria sobre a qual age o sêmem, porque a fêmea é, de certo modo, um macho mutilado, e a menstruação é o sêmem, mas impuro (...) porque há uma coisa de que elas (as fêmeas) carecem - o princípio da alma.*” (Tosi, pág. 28)

Segundo Lúcia Tosi, esse pensamento perdurou por muitos e muitos anos, e mesmo as descobertas científicas posteriores a respeito da reprodução humana, da anatomia e da fisiologia, não derrubaram por completo essa desvalorização da mulher. Para Tosi, esse pensamento “*acabou por se formar, assim, uma categoria de cientistas “especializados” em justificar*

ou até estimular a sujeição da mulher à tirania da família, do estado e da religião... e fundamentaram a noção da inelutabilidade de seu destino biológico: procriar, permanecendo confinada ao lar e na dependência dos homens” (pág. 28).

Com o surgimento do Cristianismo, marcadamente influenciado pela moral judaica no tocante às relações entre os sexos, desenvolve-se uma educação severa sobre as questões ligadas à sexualidade, tanto em seus aspectos práticos como teóricos. SNOEK entende que *“A moral sexual no cristianismo é particularmente rigorosa. Só tolera o prazer sexual dentro do contexto do matrimônio e dentro de uma normalidade basicamente de ordem biológica. Além do mais, tia área da sexualidade (e somente nesta área), não se admite pecado leve: toda procura intencional de prazer sexual, mesmo o mais leve, é logo tida como pecado mortal”* (Snoek, 1981, pág. 110). Nelson Vitiello compartilha esse modo de percepção e acrescenta que, sendo o prazer sexual considerado pecado, gera até nossos dias o sentimento de culpa. Entende ele que, historicamente, segundo o próprio relato bíblico, aos homens era reservado o privilégio do prazer em suas práticas sexuais, além da função de procriação (Vitiello, 1998).

O escritor francês Charles Expilly em uma de suas viagens pelo mundo, passou uma temporada no Brasil no ano de 1852 e dedicou em uma de suas literaturas relatos sobre a condição da mulher no tempo do Império. De acordo com sua observação, a mulher era criada para cumprir um papel de subalterna. De acordo com seu registro: *“Uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita de goiabada. Mais do que isso, seria um perigo ao lar”* (Expilly, 1977, pág. 269).

Acompanhando o percurso histórico do Brasil, nota-se que a dominação sexual do homem sobre a mulher vem acontecendo desde os tempos da colonização, quando emergiu a família patriarcal, como uma possibilidade de controle social. Fato esse observado no seguinte relato: *“A estrutura dual a diferenciação sexual implicavam em que o patriarca mantinha relações sexuais não apenas com sua esposa, mas também com amantes e concubinas, fato que deu à estrutura patriarcal da vida em fazenda um Tom de Harém, adaptado ao processo de mistura racial. Já as atividades sexuais das mulheres eram rigidamente controladas pelo próprio patriarca. Sua esposa branca devia estar disponível para procriação de herdeiros e as concubinas-mulatas deviam atender prontamente o seu chamado de natureza sexual. “* (Azevedo (M.) e Guerra (V.), 1998, Carta Novembro, pág. 13).

Nesse período da história, o controle da ordem social era imposto apenas sobre a mulher. Mesmo em se tratando de uma estrutura familiar, a mulher tinha total dependência do poder ilimitado do homem. Constituiu-se portanto, desde a colonização do Brasil, uma hierarquia do relacionamento entre os sexos, estabelecendo uma dominação do homem sobre a mulher. Além disso, existe uma erotização da mulher que é considerada objeto sexual. Sobrou, então, para o ser feminino, um comportamento fruto de duas vertentes: maternidade e sedução sexual.

Freud, em seus estudos sobre a teoria da sexualidade, considerou a vida sexual da mulher um campo obscuro e impenetrável. Assim escreveu: *“a vida sexual dos homens somente, se tornou acessível à pesquisa. A das mulheres... ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade... Em consequência de circunstâncias desfavoráveis, tanto de natureza externa quanto interna, as observações seguintes se aplicam principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo - isto é, o dos homens... Sabemos menos sobre a vida sexual das meninas que sobre a dos meninos. Mas, não precisamos nos envergonhar dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas constitui um continente obscuro para a psicologia.”* (Freud, 1925, pág. 273-274). Pode-se perceber, ainda, que Freud, através do estudo do inconsciente, manteve a mulher num segundo plano na formulação de suas teorias sobre a sexualidade, dando ênfase ao estudo sobre as questões relacionadas ao sexo masculino. Mesmo em se tratando de sua teoria para explicar como a criança do sexo feminino se torna mulher; sua linguagem evidencia o universo de compreensão masculino. O marco principal dessa consideração está no fato de que Freud, ao falar do Complexo de Édipo, refere-se à mulher como se ela tivesse inveja do pênis do homem. De acordo com a teoria: *“As consequências da inveja do pênis, na medida em que não é absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade, são várias e de grande alcance. Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade... Mesmo após a inveja do pênis ter abandonado seu verdadeiro objeto, ela continua existindo.- através de um fácil deslocamento, persiste no traço característico do ciúme.”* (FREUD, 1925, pág. 282).

Freud reconheceu que, realmente, existe uma manifestação de um sentimento de inferioridade na mulher frente ao homem. Essa situação, baseada num aspecto social e cultural, demonstra esse comportamento da mulher, mas que pode estar relacionado à posição de privilégio que o homem tem diante do papel que desempenha e para o qual é estimulado. Seria, esse então, um dos motivos da mulher sentir ciúmes do homem, do lugar que ele ocupa? Talvez nem seja essa a questão. A mulher, não neces-

sariamente, quer o lugar do homem, ela sim, acredita que necessita de ocupar o seu próprio lugar enquanto mulher, num contingente mais amplo; quer ocupar um lugar enquanto ser humano, possuidora de sonhos, fantasias a independência em todos os aspectos, seja ele social, econômico ou sexual.

Baseando-se no conceito de base comportamental - cognitiva, os bloqueios que interferem na resposta sexual representam uma disfunção sexual. Vários fatores contribuem para essa disfunção sexual, e podem ser considerados em duas categorias: “*causas socioculturais (família, religião, revolução sexual, tabus e credences sexuais) e causas comportamentais (vivências destrutivas e relações didáticas inadequadas)*”. (Cavalcanti, pág. 305).

As causas socioculturais são as responsáveis pela educação, a pela transmissão das regras e normas do meio em que a pessoa está inserida. A partir delas, são aprendidos os papéis que deverão ser desempenhados por cada membro da sociedade. Há, porém, uma consideração importante a se fazer referente à Revolução Sexual, que vem, de certa forma, contradizer todos esses comportamentos aprendidos. Essa evolução não atinge toda a esfera social de maneira homogênea, passando a existir, portanto, três grupos sociais com respostas comportamentais diversificadas, os quais Cavalcanti (1992) denomina de zonas, sendo elas: “*zona do epicentro (famílias que já incorporaram um número crescente de traços inovadores. As jovens são incentivadas a usar roupas ousadas, a assumir atitudes liberais e a tomar certas “liberdades” no contato com o sexo oposto); zona de equidistância (onde se delineia os primeiros sinais de uma “nova moral” que, advogando a liberdade do sexo e a igualdade dos gêneros, defende o desempenho sexual como sendo a prática do “sexo sem vítimas”, isto é, sem que ela decorra prejuízos para os parceiros); e, zona de marginalização (formada por famílias tradicionais absolutamente integradas na moral ortodoxa.* “ (págs. 308 e 309).

Heloneida Studart (1989, pág.12) aborda a questão da inferioridade feminina como fruto de um processo de divisão do trabalho, ocorrido no período pré-histórico, Para ela, a mulher, ainda na idade da pedra, “*sofreu uma derrota quando ficou na caverna e o homem saiu à caça e estabeleceu novas relações com o mundo*”. Desde então, a superioridade tomou marco em todas as esferas da vida perpassando de geração em geração. O fator biológico se tornou nesse processo um trunfo suplementar para o estabelecimento da desigualdade. Studart afirma, ainda, que “*O grande handicap da mulher foi um fato histórico. Aconteceu quando o homem saiu à caça e ela se deixou ficar na caverna, cozinhando e procriando, em plena vegetatividade. O homem lutou, cresceu, criou a charrua e, depois, a*

astronave. A ação assegurou o seu desenvolvimento mental. Enquanto isso, a mulher, sempre na caverna (que passou a se chamar de lar), esperava, imutavelmente, a volta do caçador” (pág. 10). Seguindo essa mesma linha de pensamento, Patrícia E. Santo (1999) entende que, historicamente, é perceptível que a divisão de trabalho fez com que o papel da mulher fosse definido diferenciando-a também no aspecto biológico: “... *a divisão do trabalho deixou as diferenças biológicas entre o homem e a mulher e começou a estruturar as maneiras de ser de um e de outro. Ao homem, a caça o tornou agressivo e ágil; à mulher, sobrou a maternidade e os cuidados com a prole.* “ (pág. 4).

Atualmente, é grande o contingente de mulheres que ainda ficam à espera do caçador, fechada em um mundo limitado, desenvolvendo uma atividade de menor aventura, na qual a rotina se desenvolve em torno da criação dos filhos e a arrumação da casa, apesar de considerarem essa atividade desgastante e, muitas vezes, frustrante. A valorização do trabalho gerador de bens financeiramente avaliáveis, dentro da moderna sociedade capitalista, contribuiu ainda mais para a desvalorização daquelas que exercem tal atividade.

Pode-se, então, perceber que, em todos os tempos, em nenhuma parte da história, houve uma preocupação com a mulher no que diz respeito à importância do seu trabalho e menos ainda a sua sexualidade. Vemos que essa questão não se restringe apenas aos tempos da história passada. Ainda hoje, segundo Studart (1989), há uma tendência de muitos homens e da sociedade em geral, em ver a mulher como *dona de casa* por excelência, mesmo que ela exerça outra atividade fora do lar. A função principal não deixou de ser a de zelar pelo bem-estar do homem.

O que é, como deve ser e qual a finalidade do *ser mulher* é delineada, culturalmente, conforme demandas específicas da sociedade em um dado período de tempo. De fato, não existe uma definição precisa a respeito do ser feminino, tal como ocorre com o ser masculino. Dessa forma, a mulher desenvolve um sentido de ambivalência, tanto no pensar quanto no agir. Sob essa perspectiva, podemos citar Gikovate (1984) quando nos diz: “*De uma mulher se espera o recato sexual e uma atitude completamente reprimida; ao mesmo tempo, se espera que ela seja muito bonita e atraente para os homens. Ou seja, ela tem que ser desejada, desejável, mas não deve desejar.* “ (pág. 30). Desde a infância, à mulher é ensinado o modo de se vestir e se comportar de maneira tal que chame a atenção dos homens, por outro lado, ela não deve desejar o que está despertando, deve conter-se. O contínuo bloqueio de seus desejos produzirá em sua vida sexual futura, efeitos responsáveis pelas dificuldades vividas em sua atividade sexual.

O ser mulher na atualidade - dificuldades de superar a condição de mero objeto

Marta Suplicy, em *Conversando Sobre Sexo* (pág. 46) diz que “a educação e expectativas que se tem em relação às pessoas do sexo masculino e feminino começam desde o nascimento. É homem! É mulher! E uma série de atitudes e sonhos é tomada que não tem nada a ver com aquela criança que nasceu, e sim, com o sexo dela... E assim, os dois sexos vão crescendo e formando imagens a seu próprio respeito. Essa educação diferenciada é muito mais repressora para a mulher do que para o homem!” (Suplicy, 1985). Tendo a mulher como objetivo fundamental, na relação a dois, o de manter o relacionamento garantindo o prazer masculino, a atenção sobre si mesma fica em último plano. Mesmo infeliz, a mulher não se revela, pois teme que, ao fazê-lo, o homem se sinta menos homem, o que pode trazer instabilidade no relacionamento conjugal. Michael (pág. 132) analisando a questão feminina, entende que “A mulher de hoje, mesmo vivendo uma geração de grande emancipação, ainda não consegue resolver essas questões de bloqueios sexuais. “

Apesar das tentativas educacionais para a redução da discriminação entre as várias relações mantidas no seio da sociedade, existem provérbios que contribuem para desqualificar a moral feminina, desvalorizando-a tanto como ser humano quanto como mulher. Como exemplo, citaremos alguns provérbios relatados em inúmeras literaturas sobre o assunto, como também ouvidas diariamente em programas humorísticos, reuniões de amigos e outros:

- “Mulher é como bife, quanto mais bate, mais macia fica!”
- “É como cinzeiro, tem que mandar brasa!”
- “É como Cheeps, impossível comer um só!”
- “O homem é quem pensa, a mulher é quem trabalha.”
- “Mulher tem três sentidos, dois errados e um perdido.”
- “A mulher tinha tudo para ser um ser perfeito, só não é porque abre a boca.”

Mesmo tendo esses provérbios, o objetivo primordial de entretenimento, não deixam de representar um modelo de educação informal, facilitando o desenvolvimento de estereótipos quanto ao papel e ao ser do sujeito feminino. Não é raro ou difícil encontrarmos, dentro do contexto sociocultural brasileiro, homens e mulheres capazes de admitirem que o

lugar da mulher é na cozinha, cuidando dos filhos e, não, exercendo atividades produtivas fora de casa.

O homem em geral não percebe a mulher como um ser que tem um desejo sexual próprio. Para ele, o desejo feminino é apenas uma forma de satisfazê-lo. Parece-lhe que a mulher está ali para aprender o que o homem deseja dela e, por isso, a imagina como uma “criança pura”, “inocente”. Não é essa a realidade. A mulher, tanto quanto o homem, possui seus próprios desejos com relação à prática sexual. Em uma pesquisa realizada em 11/96, com 1006 mulheres, foi constatado que, dentre suas fantasias sexuais, as mais comuns são: *“ter relações com um estranho; dominar o parceiro; transar com mais de um parceiro; ter as roupas rasgadas; fazer sexo com pessoas mais novas; transar com homens de outra raça; transar com outra mulher; fazer troca de casais; ser observada enquanto faz sexo.*” (Brasmark, op. cit. ISTO É, dez. 96, número 1418, pág. 134). Essas fantasias não levam a supor que, se o desejo sexual da mulher se vê adormecido, não se deve à sua falta de interesse, mas, a alguma experiência desastrosa em relação à sexualidade. Essa falta de interesse é, em geral, erroneamente interpretada, como se sua inapetência sexual fosse própria da mulher, e não, em função de um trauma vivenciado em relações anteriores ou um comportamento desenvolvido mediante uma educação repressora.

Os anos 70 foram marcados pela explosão feminina, pelo reconhecimento e valorização da mulher como pessoa capaz; porém, essa emancipação ficou apenas no aspecto profissional. Ela participa de uma grande fatia do mercado de trabalho e, ainda, continua sem conquistar um espaço merecido, nas relações extra profissionais. Andreia Michael e Cilene Pereira (1996) entendem que essa revolução social experimentada pela mulher não foi capaz de libertar a mulher sexualmente. A mesma mulher que encontra satisfação no universo profissional, não consegue levar esse avanço para sua intimidade. Ela ainda continua com sérias dificuldades quando se diz respeito ao sexo, não conseguindo vivenciar experiências sexuais plenas por não se sentir segura de si bem como com o próprio prazer.

uma de nossas pacientes, confeccionista profissional, detentora considerável de sucesso em todo o mercado na região em que atua, e em várias outras cidades do País, relata: *“não consigo me satisfazer sexualmente. Estou casada há treze anos e tenho dois filhos, ainda hoje, não sei o que significa sentir prazer sexual com meu marido. Nunca tentei falar com ele desse meu bloqueio e, por isso, não imagino sua reação. Essa é uma questão que vem, a cada dia, dificultando meu relacionamento conjugal. Por isso, procuro dispendar o máximo de meu tempo em favor de meu tra-*

balho. Até mesmo em finais de semana me ocupo com viagens de negócio, sendo que essa poderia ser delegada a um outro profissional da fábrica”.

A emancipação feminina fez, sim, com que algumas mulheres conquistassem um espaço no mercado de trabalho, mas só isso não bastes. Para que ela viva de modo autêntico, necessita também de sua liberdade sexual, pois, o bem estar do adulto estando atendidas suas necessidades básicas, depende da integração de sua vida afetiva, sexual e profissional. *“A sexualidade é um dos componentes essenciais para esse bem estar, mas deve estar ligado aos outros aspectos da vida.”* (Suplicy, 1994, pág. 60).

Pesquisa realizada pela Sexóloga Marilene Varilene Vargas, com 420 mulheres entre 20 e 50 anos, revela que a mulher de hoje, sente dificuldade em sua sexualidade, mostrando índice como: *“sessenta por cento das mulheres até trinta anos têm dificuldade para atingir orgasmos; vinte e três por cento apresenta frigidez; dezoito por cento tem orgasmo clitoriano e não vaginal (só atinge pela masturbação), doze por cento chega ao orgasmo com um parceiro e não com outro; quinze por cento não tem tesão.”* (Núcleo de Estudos de Sexologia e Geriatria de Curitiba. Op. cit. ISTO É, 12/96, N° 1418, pág. 132).

Ao homem, desde seu nascimento lhe é atribuída a condição de superioridade. É criado de maneira tal que sua sexualidade não está atrelada aos processos amorosos. Ao crescer, sendo induzido à competitividade e agressividade, sua sexualidade se torna acoplada aos processos agressivos. *“Cresceu ouvindo que as meninas são mais delicadas, mais meigas e mais frágeis, e por isso mesmo, o destino a elas reservado é de natureza subalterna, seu papel é secundário. Elas se preparam para ser mãe e esposa.”* (Gikovate, 1989, pág. 293).

Durante a adolescência, o fator sexual aflora devido ao crescimento e desenvolvimento maturacional próprio dessa fase da vida. Essa explosão sexual acontece em ambos os sexos, só que a educação é diferenciada para moças e rapazes. Gikovate colocou bem essa questão quando diz: *“Aos rapazes, são impingidas experiências precoces. Às moças, é imposta uma castidade falsa e hipócrita, que provoca sentimentos de culpa e dificuldade em aprender a lidar com a sexualidade como um fenômeno biológico digno e gratificante. Essa culpa ligada ao despertar da sexualidade é um fator estimulado pela nossa cultura. A repressão da sexualidade feminina tem sua intenção de bloquear a prática sexual até o casamento.”*

Existem diferenças importantes entre o homem e a mulher com a questão da relação sexual. Uma delas, como observes Gikovate(1989) diz

respeito à sociedade sexual. Esta, experimentada pelo homem após a ejaculação, é acompanhada de uma fase de desinteresse. Isso acontece porque o homem, pela sua própria natureza, tem mais facilidade para excitação dando a ele uma maior quantidade de prazer, enquanto a mulher necessita de mais carinhos, mais toque em suas partes mais sensíveis antes da relação. No comportamento sexual entre o homem e a mulher, para ele, sexo e amor estão estrategicamente dissociados, enquanto para ela estão, com base na educação recebida, intimamente ligados. Como consequência, o homem é capaz de manter uma relação sexual, mesmo após uma briga, o que, normalmente, não ocorre com a mulher. E ainda, ele é capaz de obter prazer com uma mulher que não ama e não conseguir com a mulher que ama. De certa forma, como nos mostra Ribeiro (1991), o afeto parece ser uma característica específica da mulher. Culturalmente, é repassada à mulher a idéia de que só pode se relacionar sexualmente com quem ama. A partir daí, o prazer sexual é associado ao sentimento de amor. Daí, o fato de algumas mulheres terem dificuldades em assumirem sua falta de prazer, pois estariam assumindo a inexistência do seu amor pelo parceiro. Essa questão pode ser adequadamente ilustrada mediante o seguinte caso clínico:

Trata-se de uma jovem de vinte e dois anos, casada há cinco anos e mãe de dois filhos. Adotiva, filha única, recebeu uma educação severa, não tendo liberdade para conviver com outras pessoas de sua idade. Sua vida se restringia à escola, com poucas amizades, e à convivência com os seus pais. Na adolescência, conheceu um rapaz que era seu vizinho, tendo sido permitido o namoro desde que fosse apenas em casa. Mesmo assim engravidou. Suas primeiras experiências sexuais foram furtivas, quando raramente ficavam a sós. Devido à gravidez, se casaram rapidamente, antes que a barriga crescesse. Romântica, tinha grandes expectativas da vida a dois. Acreditava que, após o casamento, poderia sentir prazer na relação sexual. Relata que sentia muito desejo, mas não sentia prazer na época do namoro. Atribuía essa questão à falta de liberdade, acreditando que seu namorado não se manifestava romanticamente por não ter tempo para isso nas rápidas relações sexuais, essas, na maioria das vezes aconteceram em pé, sem conforto para os dois. Mas o tempo passou e o romantismo esperado por ela não apareceu; e continuou sem sentir prazer sexual. Considerava que sua dificuldade de se relacionar sexualmente significava na realidade, falta de

amor. Então, fingia que sentia prazer, pois não queria que sua vida conjugal ficasse comprometida. Veio o segundo filho, e com dezessete dias de resguardo, o marido insistiu numa relação sexual. Como não estava física, e nem emocionalmente preparada, sentiu ainda mais repulsa para com ele. Passou a evitá-lo e a se irritar com sua presença física em seu corpo. Por outro lado, ao perceber que ela o evitava, seu marido passou a procurá-la com mais frequência, dando-lhe a impressão de que ele estava relacionando a sua falta de interesse ao seu mau desempenho sexual enquanto homem. Segundo seu relato: *“Meu marido de uns tempos para cá tem insistido muito mais na frequência de nosso relacionamento sexual. Como eu estou sempre o evitando, imagino que ele deve estar pensando que eu não esteja gostando dele como um homem sexualmente potente. Ele chega em casa após o trabalho e fica o tempo todo me pegando, tentando me excitar, mas ele não é nada romântico, e a maneira como me toca, me incomoda e me sinto cada vez mais irritada.*” *“Toda essa dificuldade foi sentida por ela, sem que tivesse um mínimo de coragem para falar de seus desejos de mais romance e de mais carinho nas relações sexuais.*

No início da terapia, o conceito que tinha de si mesma demonstrava uma baixa auto-estima. Apenas com vinte e dois anos, já se sentia velha para recomeçar a vida enquanto mulher, para ter sonhos. Não se percebia como pessoa capaz de crescer e de se tornar independente financeiramente, e principalmente, do marido. Isso pode ser percebido na seguinte fala: *“Sinto que realmente não amo o meu marido. Não consigo sentir prazer com ele. O pior é que estou perdida. O que vou fazer da minha vida? Já estou com 22 anos, tenho dois filhos, me sinto completamente incompetente. Não consigo voltar a estudar, pois, estou muito velha para isso. Não consigo trabalhar, pois, não tenho nenhuma experiência. Não tenho mais nada o que fazer na minha vida. Me sinto muito infeliz, pois, nem posso deixar esse meu marido; e depois, quem vai me querer? Não tenho mais capacidade para recomeçar uma vida nova.”*

O seu campo de existência, quando criança e adolescente foi estritamente limitado de experiências. Ao se casar, seu campo vivencial se ampliou enquanto papel de mãe e de dona do lar, mas não se realizou enquanto mulher sexualmente ativa. Está vivendo uma grande incongruência, pois, ocorre uma discrepância entre o que realmente está sentindo e o que está

experienciando a nível sexual. Não se sente capaz e nem com coragem para expressar suas emoções e seus sentimentos de insatisfação para o marido.

A maneira como foi educada, sendo impedida de manifestar seus desejos e sonhos de juventude, carrega até hoje. Sente medo de se expressar. Para ela, é uma questão difícil de superar.

É compreensível, que dada a educação sexual recebida pela mulher ao longo de seu desenvolvimento, e não obtenção do prazer seja a tônica geral durante suas primeiras experiências sexuais. Então, todas as fantasias que tinha em seu pensamento, estarão tão bloqueadas que ela não vai sentir realmente a relação sexual. Pensará que se enganou, que não amava aquele homem. Cria o fantasma de um não amor pela falta de prazer. Ao passo que o homem não terá esse problema. Ele sempre terá prazer com a mulher que tiver, amando-a ou não.

Durante uma relação sexual, para que ocorra uma satisfação plena, tanto para o homem quanto para a mulher, é necessária a fusão de dois aspectos de estimulação para atingir o orgasmo: *“Um caráter bem físico, orgânico, que é a estimulação de zonas erógenas principais que, via medula, enviam estímulos para o cérebro; outra, completamente psicológica, deriva das fantasias, ou da percepção da situação erótica que se está vivendo (clima de envolvimento emocional, percepção da exaltação do parceiro, do corpo do outro, cheiros, etc).”* (Gikovate, 1984, pág. 56).

Para o homem, a fusão desses dois aspectos é muito mais facilitada pela própria educação recebida, pela estimulação da sexualidade e pela liberdade de colocar em prática a relação sexual. Além disso, a simplicidade do funcionamento de sua fisiologia sexual muito contribui para esse aspecto. Para a mulher, essa fusão exige maior estimulação física, mesmo num clima psicológico propício.

Outro aspecto psicológico que interfere no alcance do prazer para a mulher, que é transmitido pela educação, relaciona-se ao início da atividade sexual. Essa é esperada com muita dor, expectativa e medo devido ao rompimento do hímen. A dor que envolve a primeira relação não se deve, em sua maioria, ao rompimento em si, mas, ao estado de ansiedade que impede a lubrificação vaginal, tornando difícil a penetração do pênis. A tensão emocional, por sua vez, provoca a contração na musculatura da região vaginal e na parte superior da coxa, dificultando ainda mais a realização prazerosa do ato sexual. Portanto, um estado emocional abalado interferirá no aspecto fisiológico da relação sexual da mulher, e essa experiência negativa poderá ficar marcada como uma cicatriz interna para seu relacionamento futuro.

A comunicação é outro fator preponderante para o convívio e um bom relacionamento do casal. É comum, por parte da mulher, o ocultamento de sua insatisfação sexual. Ela não consegue dialogar a respeito de sua intimidade. Não consegue expressar assertivamente seus sentimentos de insatisfação. Daí, a necessidade do homem aprender a compreender sua parceira além das palavras, ou seja, mediante a observação de comportamento revelador, da existência de um acúmulo de tensões ou da inexistência de relaxamento e satisfação. Como observa Michael “*É necessário que o parceiro diga o que está percebendo, mas de maneira compreensiva, sem culpá-la, querendo compartilhar esse momento tão especial é tão importante para a relação a dois.*” (pág. 133).

Um possível caminho para o encontro da mulher com sua sexualidade

Para que a mulher consiga superar esse bloqueio sexual, é necessário um novo aprendizado. Da mesma maneira que levou anos adquirindo uma educação sexual inibidora de seus impulsos e desejos naturais, precisará também de tempo para essa conquista. E não dependerá apenas de seu querer, mas também de uma grande parcela de participação do parceiro. Isso envolve toda uma problemática em torno do social e do cultural. Segundo Machado (1998, pág. 60) “*A sexualidade é um instrumento gerador de prazer, a nível sexual e a nível relacional. O exercício dessa sexualidade depende de um aprendizado para a mulher, pois, pela sua educação, cresce apenas fantasias e, quando chega ao concreto, torna-se um caos. É necessário que esse aprendizado aconteça gradualmente para que a sexualidade aconteça plenamente e de modo bem sucedido. A busca de prazer deve ser compartilhada a dois num contexto de doação, onde tanto o homem, quanto a mulher contribuam para uma auto-descoberta do corpo e do prazer.*” “*Isso só poderá acontecer quando a mulher vencer o medo de magoar o homem e expor realmente o que quer, que fantasias deseja realizar durante o ato sexual. Quando sentir liberdade de pedir que demore mais nas carícias, que quer ser mais tocada, mais beijada, que deseja também exercer um papel ativo e não apenas ficar presa numa posição passiva. Indubitavelmente, e libertação feminina no tocante ao prazer implicará em mudanças na conduta sexual masculina. Será necessário que o homem aceite e compreenda que uma mulher necessita de mais estimulação e que essa deve ser gradativa. Além da ereção e potência sexual mas-*

culina, é necessário também que ele seja gentil, sensível, sabendo fazer uso das carícias de forma gradativa, isto é, dos primeiros toques, beijos e abraços até a penetração. O prazer compartilhado dependerá da possibilidade de se estabelecer um aprendizado a dois, onde nem a mulher se sinta invadida em sua individualidade, e nem o homem ameaçado em sua masculinidade.

Os mistérios da sexualidade feminina são difíceis de compreensão, até para a própria mulher. A fisiologia do seu corpo, ligada à sua sexualidade, faz com que ela sinta medo de não conseguir viver sua feminilidade de acordo com ela mesma e com a expectativa da sociedade. *“Ela tem medo de conhecer e dominar um corpo cheio de mistérios que não entende. Ela vislumbra seus segredos na menarca, na gravidez, na lactação e na menopausa; essas coisas tão estranhas que lhe acontecem e a modificam tão profundamente, quer queira ou não. Todas essas coisas ligam-se aos seus genitais - a vagina, o seio - tem relações com o sexo, e seus desejos sexuais tornam-se então, mais complicados, porque lhe ensinaram que mulher não pode falar de sexo, não pode mostrar seus genitais, nem exprimir seus desejos eróticos. Tem que ser recatada e pura enquanto solteira, mas exímia na cama se tiver um companheiro.”* (Monteiro, 1990, pág. 39).

Esses mistérios da sexualidade feminina são envoltos por tantos aspectos já descritos e, além deles, pesa muito a experiência de vida pessoal da mulher, que dependendo da maneira como se percebe, poderá causar-lhe uma dissolução de seus sentimentos e fantasias sexuais, podendo assim fracionar cada um deles, tentando buscá-los em diferentes parceiros. Esse é um fato que pode ser ilustrado por um caso clínico, onde a pessoa não consegue colocar de maneira ordenada suas idéias sobre a própria sexualidade, vivendo incongruentemente, causando-lhe transtornos sexuais e vários sintomas devido ao estado depressivo em que vivencia sua sexualidade.

Refere-se a uma pessoa que, aparentemente, teve infância e adolescência “normais”, iguais a tantas outras pessoas. Porém, certos acontecimentos causaram-lhe impactos desastrosos, sentindo indignação por certas lembranças do passado. Entre tantos fatos marcantes para ela, relatou fantasias que tinha com relação à vida a dois quando iniciava a adolescência. Seus pais sempre brigavam muito. Nesse período, lia fotonovelas. Ela fazia uma ligação do final feliz das fotonovelas com a vida conturbada de seus pais. O resultado é que fantasiava um grande amor romântico, cheio de prazeres, mas sempre com

um final trágico. Segundo suas palavras: *“era um sofrimento adorável, onde rolavam cenas eróticas e muitas lágrimas”*. Aos dezesseis anos, conheceu o atual marido, com quem se casou devido a uma gravidez não programada. Desde então, viveu um relacionamento conflituoso. Sempre manteve relações extraconjugais por não encontrar no marido aquilo que esperava de um homem; estava em busca, segundo ela, *“de um príncipe encantado.”* Quando chegou ao consultório trouxe como queixa principal um medo terrível de chuva, mas todas as suas falas se restringiam as questões sexuais e aos relacionamentos que mantinha com o marido e mais dois amantes. No início, havia certa confusão quando se referia ao marido; dizia que ele era lindo, inteligente, gentil, que conseguia sentir prazer sexual com ele, mas não o amava e seu objetivo era um dia se separar dele. Insatisfeita com essa questão, encontrou nos outros homens aspectos que pareciam atender suas expectativas: um era romântico, carinhoso; o outro, excelente parceiro na cama; e o terceiro, por ele, sente amor, gosta do cheiro e do contato com o corpo dele.

Mesmo se relacionando com esses três, e dizendo que o que falta em um encontra em outro, sentia um vazio imenso, uma insatisfação consigo mesma e com a vida em geral. A cliente sentia-se completamente confusa com tudo o que relatava. Às vezes demonstrava segurança no modo como conduzia sua vida, e, em outras, demonstrava angústia por esses mesmos atos. Esse seu comportamento diante de si mesma demonstra uma incoerência em sua vivência; uma maneira autêntica de se expressar e compreender seus verdadeiros sentimentos. Havia uma discrepância entre o que queria e o que estava experienciando; o que pode ser percebido nos seguintes relatos: *“gostaria de encontrar um homem com as qualidades dos três com quem estou me relacionando, ou seja, a inteligência e a beleza de um, o romantismo do segundo e o cheiro e contato físico gostoso do terceiro.”* “Ao longo do processo de terapia foram surgindo outras questões relacionadas a si mesma como: *“não sei o que está acontecendo comigo, as vezes me sinto perdida. Minha vida é um tédio; às vezes penso em separação, mas não tenho coragem de enfrentar a vida e perder a mordomia; tenho vontade de fazer alguma coisa, mas, acho difícil enfrentar as durezas da vida”*. Essa percepção que começava a sentir a respeito de si mesma demonstra que estava tomando consciência de sua vivência e do

mundo à sua volta. Estava voltando para si mesma, era um início de crescimento pessoal. Estava desenvolvendo um auto-conhecimento de sua insatisfação com seu modo de vida. Outro fato que a fez tomar consciência de seus sentimentos, foi quando se viu ameaçada por uma possível separação. Pela primeira vez, o marido concordou com seu pedido e, diante disso, se sentiu estranhamente infeliz, insegura, a tal ponto que todos os seus sintomas de depressão tomaram uma dimensão maior, com o aparecimento de outros, como perda de apetite e emagrecimento rápido, o que lhe custou um aumento da dose de medicamentos. Diante dessa eminência de separação, percebeu pela primeira vez que não estava com ele só pela segurança financeira, mas que também existia um sentimento de afeto, mesmo não sendo um amor verdadeiro. Tomou a iniciativa de relatar o relacionamento, pois, realmente ele exercia influência marcante em sua vida. Esse acontecimento contribuiu para uma tomada de consciência maior, e para o seu processo de mudanças e crescimento. Pôde perceber uma parcela de responsabilidade no problema que vivenciava e passou a buscar alternativas para melhorar sua relação com o marido.

Numa sessão seguinte, trouxe uma novidade que confirmou o seu processo de tomada de consciência, quando disse que estava à procura de um emprego, pois queria se sentir útil, viva e capaz. Nesse relato, demonstrou um movimento para chegar a um objetivo; sentiu-se feliz por tomar essa iniciativa e por querer enfrentar obstáculos. Houve, ainda, uma melhor compreensão de suas dificuldades, de seus sentimentos de insatisfação. Já percebe que não vai encontrar um príncipe encantado. Continua com seus relacionamentos extraconjugais, mas demonstra saber que não encontrará uma completude neles e que essa é a causa do imenso vazio que sente. Procurará preencher esse vazio investindo em si mesma.

Quando uma pessoa nasce, torna-se um ser humano de acordo com o meio no qual está inserido, independente de ser do sexo masculino ou feminino. O rumo de sua vida será de acordo com o campo experiencial em que for lançado. Ela não escolhe esse campo, mas, todos os outros dependerão da escolha dela própria. Para isso far-se-á necessário perceber o que está acontecendo consigo mesma e à sua volta, no que realmente acredita e se está vivenciando de um modo congruente ou não suas escolhas.

Percebe-se, então, que a sexualidade da mulher sofre interferências biológicas, psicológicas, socioculturais; fatores esses que estão na própria história de vida de cada uma. Partindo-se desse ponto de vista, para que a mulher consiga exercer sua sexualidade de maneira autêntica é necessário enfrentar suas dificuldades e vencer os diversos tabus que orientam sua vida. Estando ela envolta em uma série de fatores psicológicos ligados aos vários papéis que desempenha, que interferem na busca do prazer sexual, sobram pouco espaço e energia para o desempenho do papel de mulher possuidora de fantasias de desejo sexual. Essa busca do seu prazer sexual é considerada difícil, porque envolve aspectos complexos: físico (crescimento e desenvolvimento), religioso (sexo considerado pecado), educacional (considerado sujo), biológico (funcional) e social (carregado de preconceitos e machismo pelo homem e muitas vezes pela própria mulher). Além disso, existe uma ambivalência pois embora a mulher goste de se sentir sensual, sente que não pode vivenciar essa sensualidade de modo prazeroso; por isso se reprime, desenvolvendo bloqueios que interferem na vida sexual.

Para vencer esses bloqueios ela necessita, inicialmente travar uma luta consigo mesma, para se aceitar enquanto mulher, e depois, algumas outras: com o homem, pela dominação sexual, financeira e social, e com outras pessoas, pelo papel de filha e de mãe, por exemplo. Mas, a luta mais desafiante refere-se à sua própria sexualidade e os mistérios que a rodeiam, devido a vários contingentes do passado e do presente.

A revolução dos anos setenta foi realmente um marco em direção à conquista da libertação da mulher em vários aspectos, mas, com relação à sexualidade, aconteceu uma nebulosa; essa apenas superficial. A mulher ainda não estava preparada para assumir sua sexualidade plenamente, por não depender apenas dela mesma, mas também do homem para aceitar a mudança sexual da mulher de modo natural.

Pode-se perceber que a emancipação feminina teve como finalidade libertar a mulher dos bloqueios e tabus sexuais que a impedem de se realizar de forma plena. Sem dúvidas, mudanças em qualquer aspecto na vida do ser humano ocorrem de maneira gradativa, e a busca do prazer sexual da mulher não aconteceria de forma diferente, já que todas as mudanças causam conflitos. A mulher precisa considerar seu potencial de prazer sexual, pois, com a experiência, é possível melhorar sua forma de expressão sexual, sentir-se mais satisfeita com o próprio corpo e com o contato do corpo do homem, e confiar mais em si mesma, tornando-se livre e senhora de seu próprio desejo. Mas, tudo isso só poderá acontecer se, e somente se, houver a participação do parceiro numa

ajuda recíproca, onde poderá vivenciar um prazer sexual com qualidade e intensidade a dois.

No entanto consideramos que, se por um lado a mulher está querendo também sentir prazer e luta por ele, por outro, está o homem que não esperava essa mudança tão rápida por parte da mulher e que pode ser contrário a ela. Embora, essa situação traga desconforto para ambos, tanto um quanto outro terão que aprender a se comportar nesse novo contingente de atitude sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MICHAEL, A. e PEREIRA, C., Traídas pelo desejo. In: ISTO É, 12/96, n° 1418, pág. 132.
2. AZEVEDO, M. e GUERRA, V. (1998), *Infância e violência doméstica*. São Paulo, USP.
3. BEAUVOIR, S. (1994), *O segundo sexo*. São Paulo, Círculo do Livro, vol. 2.
4. BRANDÃO, J. (1997), *O mito de Narciso -Mitologia grega*. Rio de Janeiro, Vozes, Vol. II, Cap. VI, pág. 173 a 177.
5. CAVALCANTI & CAVALCANTI, (1992), *Tratamento clínico das inadequações sexuais*, São Paulo, Roca.
6. DORAIS, M. (1994), *O erotismo masculino*. São Paulo, Loyola.
7. EXPILLY, C. (1977), *Mulheres e costumes do Brasil*. São Paulo, Nacional.
8. FERREIRA, R. (1993), *Sociologia da educação*. São Paulo, Moderna.
9. FRAGER, R. (1986), *Rogers e a perspectiva centrada no cliente*. FADIMAN, James. Teorias da Personalidade. São Paulo, HARBRA, cap. 8, pág. 221-258.
10. FREUD, S. (1925), Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Obras psicológicas completas de Freud, vol. XIX, 1° reimpressão*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
11. GIKOVATE, F. (1989), *Homem: o sexo frágil?*. São Paulo, MG.
12. GIKOVATE, F. (1984), *Sexo e amor*. São Paulo, MG.
13. GIKOVATE, F. 07/95, n° 07. Revista Cláudia.
14. GRAY, J. (1997), *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Rio de Janeiro, Rocco.
15. MACHADO, J. (1998), *Sexo com liberdade*. Rio de Janeiro, Vozes.
16. AZEVEDO, M. e GUERRA, V., (1999), Infância e Violência Doméstica - Carta Novembro, in: *Telecartas*, São Paulo, USP.
17. MIRANDA, C. e MIRANDA, M. (1995), *Construindo a relação de ajuda*. Belo Horizonte, CRESCER.
18. MONTEIRO, M. (1990), *Mulher: profissão mulher*. Rio de Janeiro, Vozes.
19. RIBEIRO, M. (1991), Conversando sobre sexualidade masculina. In: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, IGLU, Vol. II, pág. 35-37.

20. SANTO, P. (1999), Sexualidade - Condição feminina. In: *Jornal Estado de Minas - Caderno Feininino*, 07/03/99.
21. SNDEK, J. (1981), *A sexualidade humana - Ensaio da ética sexual*. São Paulo, Paulinas.
22. SUPLICY, M. (1985), *Conversando sobre sexo*. Rio de Janeiro, Vozes.
23. SUPLICY, M. (1994), Sexualidade ao longo da vida. In: *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
24. VITIELLO, N. (1998), Um breve histórico do estudo da sexualidade humana. In: *Revista Brasileira de Medicina*. 11/98, vol. 55, Edição Especial, pág. 5 a 9.
25. STUDART, H. (1989), *Mulher objeto de cama e mesa*. Rio de Janeiro, Vozes.
26. TOSI, L. (1991), A ciência e a mulher, In: *Ciência Hoje*, vol. 13, número 75.
27. VITIELLO, N. e ISC, C. (1991), O Exercício a sexualidade na adolescência. In: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, SBRASH. São Paulo, IGLU, vol. II, pág. 15-24.